SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

30 DE ABRIL DE 1977

N.º 381

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778

O DEVER DA LIBERDADE

Por EDUARDO RIBEIRO

Dificilmente se poderá encontrar palavra de mais raro sortilégio que Liberdade. Ela tem inspirado poetas e artistas; erguido gloriosos monumentos; tem sido escrita a letras de sangue e gravada a ouro; tem conduzido homens a actos de heroísmo ou de desespero; tem estado na origem de lutas sangrentas, de sacrifícios ingentes. Em seu nome, têm sido praticados gestos de alta generosidade, mas também violências sem conta e crimes sem classificação. A história da humanidade é bem a história da luta pela Liberdade.

Apesar disso, porém, não parece fácil definir Liberdade. É anseio profundo do homem; necessidade instante do oprimido; anelo do encarcerado. Só quem alguma vez assistiu à fuga de um prisioneiro poderá imaginar a intensidade do seu fascínio. Pela conquista da Liberdade, os povos têm praticado as maiores epopeias. Camus diz que *a liberdade total, que é a negação de tudo, não pode viver nem justificar-se por outra forma que não seja a criação de novos valores identificados com a humanidade inteira.* Teixeira de Pascoais afirma que *liberdade é consciência em acção, o conhecimento do conhecimento.* São muito interessantes estas definições. A primeira dá à liberdade um sentido de relação com valores identificados com a humanidade inteira, enquanto a segunda a identifica com o conhecimento, a consciência em acção, portanto distante de um sentimento abstracto. Um dicionário poder-nos-á dizer que *liberdade é faculdade de fazer o que se queira dentro dos limites do direito ou, ainda, o poder de agir ou não agir, de escolher.*

Continua na pág. 7

A BOA ACÇÃO ESCOTISTA: — UMA REALIDADE



Como publicámos no último número, foi preciosa a acção desenvolvida pelos escoteiros do Líbano durante a guerra civil que enlutou aquele país. Os escoteiros e as guias tudo fizeram para diminuir, no possível, as calamitosas consequências do conflito. A acção levada a cabo concretizou-se na organização de postos de socorros, de dispensários, na vacinação contra as epidemias, na oferta de sangue, em trabalhos de saneamento de áreas insalubres e de muitas outras formas. A gravura mostra-nos vários escoteiros e guias a trabalharem nos correios, na separação de correspondência.

A boa acção escotista não é uma ideia vã. Pelo contrário, dia após dia ela se manifesta em todos os cantos da Terra, numa consoladora realidade.

«SEMPRE PRONTO» E OS SEUS AMIGOS

Não cessam de chegar ao nosso conhecimento as manifestações de regozijo pela solução encontrada, que permitiu que *Sempre Pronto* não tivesse de suspender a publicação.

São manifestações sinceras e espontâneas, onde se sente o júbilo que desencadeou a notícia de que este jornal achara o apoio que lhe estava faltando, demais a mais apoio encontrado numa instituição que persegue os mais elevados objectivos e que está levando a cabo, nos nossos dias e no nosso país, onde hoje tanto se fala e tão pouco se produz, uma obra de tal dimensão e com tanta eficácia, que causa o espanto de quem quer que dela tome conhecimento. Àquele que, leal e esclarecidamente, se debruce sobre o teor da acção desenvolvida pela ACM, não pode restar dúvida acerca da nobreza dos propósitos que guiam esta organização e que são uma fiel confirmação dos princípios que sempre a nortearam.

É esta a atitude de todos os nossos Amigos, que não se cansam de proclamar a concordância com a solução adoptada para a sobrevivência do jornal. Isto apenas com uma, até agora, única excepção, que vem, por assim dizer, confirmar a regra. É o que se deduz da leitura de um postal que

Continua na pág. 6



PROFESSOR DÉLIO NOBRE SANTOS

Conforme *Sempre Pronto* já noticiara, faleceu em 8 de Março último o Prof. Délio Nobre Santos.

Este ilustre homem de letras nasceu em Loulé em 10 de Agosto de 1912. Era filho do sr. José Francisco dos Santos e da sr.ª D. Maria Carlota da Costa Nobre Santos.

Após frequentar o liceu, em Faro, o Prof. Nobre Santos licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas e exerceu o professorado no Liceu de Pedro Nunes, em Lisboa. Porém, em 1939, os méritos de investigador e de pedagogo que revelava, valeram-lhe o convite para professor da Faculdade de Letras de Lisboa, que, depois de prestar provas, aceitou. Poucos anos depois, fez as provas de doutoramento e concorreu para professor catedrático, tendo apresentado, para o efeito, um trabalho com o título de *Descartes e a Speciosa Generalis* e um *Ensaio sobre a Unidade dos Métodos de Ciências*, mais tarde publicados.

Na carreira de professor, há a distinguir a acção que desenvolveu durante o período crítico da instalação da Faculdade no novo edifício da Cidade Universitária, bem como a contribuição que deu, através de estudos preliminares, para a instalação de cursos universitários em Angola e Moçambique, pelo que viria a desempenhar, mais tarde, durante quatro anos, funções docentes na Faculdade de Ciências Pedagógicas, em Sá da Bandeira (Angola).

De novo em Lisboa, o Prof. Nobre Santos seria, a breve trecho, escolhido, pelo Conselho Directivo, para desempenhar o lugar de director da Faculdade, o que ocorreu em período muito difícil da vida académica. Registe-se ainda a sua passagem pela Escola Superior de Educação Física, da Sociedade de Geografia, onde regeu, na qualidade de professor não remunerado, diversas cadeiras de Psicologia, Pedagogia e História, escola onde se formaram os primeiros professores de educação física e donde mais tarde surgiria o Instituto Nacional de Educação Física.

O Prof. Délio Nobre Santos deixou uma vasta obra, que se detém no estudo dos vários aspectos da Literatura Portuguesa, de Pedagogia, Filosofia e História. Fez diversas viagens de estudo ao estrangeiro, em especial a Paris, Londres, Oxoford e Cambridge, onde levou a cabo investigações sobre a Cultura portuguesa e proferiu conferências.

Foi durante a sua permanência, como aluno, na Faculdade de Letras que tomou contacto com o professor daquele estabelecimento, o grande pedagogo Doutor Francisco Reis Santos, o que faria aumentar imenso o seu interesse pelos problemas de educação. O Prof. Reis Santos estava nessa altura empenhado, juntamente com os professores Júlio Óscar dos Santos e Leal de Oliveira, este professor de Educação Física, na organização de uma Secção Educativa na Sociedade de Geografia. Aí, o nessa altura jovem Nobre Santos colaboraria na fundação de um grupo de escoteiros — o histórico Grupo 13 — iniciativa que colheu o entusiástico apoio daqueles professores e de outro aluno da Faculdade de Letras, o mais tarde dedicado dirigente escotista Antero Nobre, e ainda doutros jovens, como Alexandre Ascensão Cardoso e Mário de Sá, mais tarde também dedicados escoteiros.

Em 1932, Nobre Santos era sénior da patrulha de Câmara Pestana daquele grupo, de que viria a ser o guia e, mais tarde, chefe da Divisão Sénior e, depois, chefe ajudante do Grupo.

Embora a vida de professor o tivesse afastado do Escotismo activo, o Prof. Nobre Santos nunca se manteve desligado do movimento, graças à leitura deste jornal e ao facto de ser membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros, onde tinha o número 80 e em que desempenhava o cargo de presidente do Conselho Nacional desde 1975.

De referir outros aspectos da actividade deste ilustre professor noutros movimentos de juventude, como a Cruz Vermelha da Juventude, e em organizações para-religiosas e religiosas, como a Igreja Católica Liberal, para cuja oficialização trabalhou.

O Prof. Délio Nobre Santos era casado com a sr.ª Dr.ª Maria Guilhermina Ribeiro Guisado Mota Carmo Nobre Santos, e pai das sr.as D. Maria Frederica de Freitas Nobre Santos Azevedo Peres e D. Maria Isabel Mota Carmo Nobre Santos e do sr. Rafael Alexandre de Freitas Nobre Santos. Era irmão do sr. Brigadeiro Alexandre Nobre Santos e do nosso estimado colaborador e dedicado dirigentes escotista Eng.º José Maria Nobre Santos.

A toda a família enlutada, apresentamos as nossas condolências, em especial ao nosso caro companheiro Eng.º Nobre Santos.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

A pequena imprensa e as associações utilizavam frequentemente os Serviços Postais para cobrança de assinaturas e quotizações. Tratava-se de um serviço muito útil praticado por preço módico, dado que exactamente se procurava prestar um serviço a essas instituições e até mesmo ao comércio.

Com a transformação dos Correios em empresa pública, abandonou-se completamente o interesse de prestar um serviço de utilidade pública, agravaram-se todas as taxas postais e as pequenas cobranças foram completamente esquecidas.

Hoje, para se remeter um pequeno recibo à cobrança, tem de ser pago o selo de carta de Esc. 4$00, mais o registo, no montante de Esc. 11$00, e ainda de Esc. 5$00 para cada documento. Total Esc. 20$00. Quer o recibo seja pago ou venha devolvido, o que acontece frequentemente porque o funcionário postal só procura o destinatário uma única vez, enquanto antigamente o recibo era apresentado duas vezes.

Os nossos estimados leitores, residentes nas localidades onde não há mais assinantes, ficam assim conhecedores da despesa que causa a cobrança ou não cobrança de um recibo de Esc. 60$00. Àquele valor dever-se-á ainda acrescentar mais Esc. 5$00 da taxa do vale postal.

De forma nenhuma poderemos suportar tão grande encargo, pelo que apelamos para os nossos assinantes, residentes em tais localidades, para fazerem o favor de tomar a iniciativa de remeter o valor da sua assinatura por qualquer dos meios habituais e conforme temos anunciado nestas colunas.

JORGE DIAS FERNANDES

Vítima de acidente fatal, faleceu inesperadamente, em 23 do passado mês de Março, o nosso prezado companheiro e dedicado Delegado do *Sempre Pronto* no Norte Sr. Jorge Dias Fernandes, de 54 anos de idade, que, além daquele cargo, era também chefe dos Serviços Administrativos do Grupo 15, do Porto, e colaborava assiduamente na Região do Norte da AEP.

O nosso saudoso companheiro era casado com a sr.ª D. Lucília Martins Morais Fernandes, e pai da sr.ª D. Maria da Graça Morais Fernandes Martins, casada com o sr. Mamede Orlando Teixeira Martins, também nosso camarada, chefe do Grupo 15, e dos srs. Jorge Henrique Morais Fernandes e José Alexandre Morais Fernandes, ambos antigos escoteiros do mesmo grupo, de cujo efectivo também fazem parte a viúva do nosso inditoso companheiro e sua filha.

À família em crepes e aos nossos camaradas do Grupo 15, manifesta *Sempre Pronto* o seu muito pesar por este duro golpe.

A água, meio de vida essencial (2)

A água e a Terra

Uma das hipóteses mais defendidas pelos cientistas, dá como provável que, ao longo de extenso período que abrangeu várias eras, a Terra estivesse totalmente coberta pelas águas. Foi nesse meio aquoso que teriam surgido e se desenvolvido as primitivas formas de vida, as quais, a princípio, seriam constituídas apenas por invisíveis seres microscópicos, unicelulares. Se ao Homem fosse dado contemplar, nessa altura, a superfície das águas que envolviam o nosso globo, teria deduzido que este planeta era um mundo ermo, desabitado, porque a vida que nele então existia não podia ser detectada pelo seu globo ocular.

As transformações que se foram operando através dos séculos na crusta terrestre permitiram, porém, que a parte sólida, em certos pontos, se fosse aproximando, lentamente, da superfície das águas. Em determinada altura, tal fenómeno acabou por propiciar que certas espécies de plantas que, entretanto, se tinham organizado como formas superiores de vida e que flutuavam nas águas, se fixassem nos fundos mais elevados, isto sem deixarem de ficar sob a acção da luz solar, de que dependiam e da qual ficariam privadas se se fixassem no substracto sólido a profundidades que já não pudessem ser alcançadas pelos raios solares. Foi este o primeiro passo dado por esses seres vegetais no sentido de, séculos mais tarde, se adaptarem à vida fora da água, quando a continuação das contracções da crusta terrestre deu como resultado que algumas áreas sólidas emergissem finalmente dos mares.

Foi este o longo caminho de séculos e séculos traçado por esses estranhos fenómenos, dos quais viria a resultar que grandes superfícies sólidas, nos nossos dias, se encontrem acima do nível dos mares, formando os vastos continentes, onde o Homem e os outros seres terrestres vivem. Vastos, decerto, mas que, mesmo assim, não são mais que uma quarta parte da superfície de todo o nosso planeta. Tudo o resto constitui a imensidade dos oceanos e mares, de dimensões tão grandiosas que nos dão uma completa sensação de que a água é um elemento que superabunda na Terra.

Da abundância de água à falta de água potável

Porquê, então, o problema da falta de água?

As precipitações, esse maravilhoso mecanismo por mor do qual são devolvidas à Terra as grandes quantidades de água que, em resultado da evaporação, se acumularam, em forma de nuvens, no espaço, fizeram com que, também ao longo de séculos, fossem dissolvidos, os sais existentes na crusta terrestre, que os cursos de água, formados pelas chuvas, arrastavam e depositavam nos mares. Assim, as águas dos grandes mares e oceanos se foram tornando salgadas, de tal sorte que, nos nossos dias, a água doce é apenas três por cento de toda a água existente na Terra. Mas só uma pequena quantidade desta água doce pode ser utilizada pelo homem para beber, regar as culturas e usar nas indústrias, isto porque mais de metade dessa massa de água está retida nas calotas glaciares dos pólos, portanto em áreas que nos são inacessíveis. Deste facto, advém o drama da falta de água que eventualmente se observa em várias regiões da Terra, não obstante os enormes reservatórios que existem neste planeta.

A água salgada e a sua utilidade

Todavia, não se deve inferir do que dizemos que os oceanos e os mares salgados são inúteis. Pelo contrário, é bom que fique bem assente que as águas salgadas são inesgotáveis fontes de riqueza e desempenham até uma função essencial para a conservação da vida na Terra. É que nesse meio aquoso se desenvolve, a todo o momento, uma intensa actividade, a qual é devida ao plâncton, ou plancto. Que é o plâncton? São seres minúsculos que passivamente flutuam às miríades nas águas, errantes, levados pelas correntes marinhas. A maior parte deles não é visível a olho nu. Uns são animais (o zooplâncton), outros vegetais (o fitoplâncton). Deles se alimenta aos biliões grande número de animais aquáticos — peixes, mamíferos crustáceos, moluscos. Pode dizer-se, sem perigo de errar, que onde existe plâncton em abundância, também haverá peixe em grandes quantidades, como acontece nas costas da Terra Nova e da Gronelândia.

O plâncton transmite, por vezes, às águas uma certa luminescência, visível em especial nas noites de Verão. É ao fitoplâncton que se deve ainda uma função, porventura ainda de maior transcendência: — a produção de três quartas partes do oxigénio existente na atmosfera terrestre, pois são essas ínfimas plantas que, graças à clorofila que possuem, fixam, combinando-o com a água, o anidrido carbónico do ar, de que se alimentam, e libertam o oxigénio, indispensável a vida animal, tudo isto mercê do maravilhoso fenómeno da fotossíntese. Se esta flora desaparecesse ou fosse em grande parte destruída, seria a catástrofe. O homem e todos os animais estariam condenados à asfixia, em prazo que talvez não fosse muito longo.

No entanto, a utilidade dos vastos reservatórios de água, neste caso da água salgada dos oceanos e mares, não fica por aqui. A água, esse precioso elemento, necessita, para aumentar a sua temperatura, de uma fonte calorífera mais intensa que a que seria necessária à maior parte das outras substâncias. Porém, assim como é mais exigente com o calor, sabe, por outro lado, conservá-lo muito melhor. É esta capacidade de armazenagem de calor que torna habitável vastas regiões do nosso planeta. A água, ao ser aquecida no Equador, guardará em si o calor aí recebido e levá-lo-á, para norte e para sul, até áreas muito afastadas das regiões tropicais. No Inverno, enquanto o solo esfriará rapidamente, as águas assumirão um papel termostático, porque no seu seio o calor permanecerá por um lapso de tempo muito maior.

Outro papel de importância relevante das águas marinhas é representado pelas enormes quantidades de alimentos que delas extraímos. A elas devemos, também, em grande parte, o regime das chuvas. Além disso, os mares são utilizados como grandes e importantes vias de comunicação, cruzados, como são, a todo o momento, por gigantescos navios, portadores de passageiros e de milhares e milhares de toneladas de mercadorias, isto se não nos quisermos referir ao privilégio que constitui o ambiente salutar das praias ou o inefável prazer da contemplação do azul imenso dos oceanos.

Continua na pág. 6

LIVROS

O ESCOTISMO — Sistema de Educação Integral
por Antero Nobre. . . . . 20$00

«MAIS ALÉM» — Manual Escoteiro de 1.ª classe . . . . . 20$00

Considerações sobre
Revolução e Reforma em Portugal e no Mundo
por Eduardo Moreira . . . . . 20$00

As Três Razões Fundamentais da Reforma
por G. Wisse, antigo catedrático de teologia . . . . . 20$00

Pelo correio acresce 5$00 para portes. Remetido à cobrança 10$00

À VENDA: Na Administração de «Sempre Pronto»
Das 9 às 12.30 horas dos dias úteis — R. Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA 3

PÁGINA DO ESCOTEIRO



O CANTINHO DO ESCOTEIRO

Que entender por técnica escotista?



Pedem-me para colaborar no Sempre Pronto nos aspectos de «técnica escotista». Mas que devemos entender por tal título? Os nós? Os sinais de pista? Os trabalhos de pioneirismo? A preparação de excursões, acampamentos e explorações no campo ou na cidade? A organização dos trabalhos da Patrulha? As técnicas de campismo? Os aspectos relacionados com o estudo da natureza? A descrição de jogos? A base educativa dos jogos e das competições no Escotismo? A organização do Escotismo no Grupo, no País, no Mundo? As técnicas da administração da Patrulha, das suas escritas? (o Caderno da Patrulha, com o seu «canto» do Tesoureiro, do Secretário, do Guarda do Material, do Arquivista, do Fotógrafo?) Os aspectos técnicos, quer psicológicos, quer pedagógicos, que envolvem o «método escotista»? E tantos, tantos outros aspectos?

Tudo isto, mais de um modo ou de outro, está impregnado de «técnicas» apropriadas; técnicas essas sempre ligadas ao método especial que é o ESCOTISMO. Umas mais do interesse dos rapazes; mais directamente aplicáveis por eles nas suas actividades escotistas; mais imediatamente intervenientes nas tarefas que desenvolverão nas suas Patrulhas. Outras, mais dirigidas aos Escoteiros-Chefes, como técnicas de organização, direcção ou orientação das actividades dos Escoteiros e Patrulhas. Tudo são técnicas; todas são «técnicas escotistas».

Como ir, portanto, abordar estes assuntos? Como ir satisfazer os interesses dos mais jovens, os Escoteiros (e porque não os Lobitos também?), os de mais idade (Caminheiros-Seniores?) ou, até, o interesse e necessidades dos Escoteiros-Chefes?

Um mundo de aspectos. Por isso, aqui os deixamos à vossa consideração.

Porque, ao redigir ou preparar qualquer trabalho dentro do programa anterior, ele se destina aos leitores, de todos aqueles sectores (todos eles são escoteiros), será indispensável seguir a «técnica» de procurar satisfazer as necessidades e os anseios dos Leitores mais interessados nessas «técnicas de Escotismo» («Técnicas de Escotismo» — «Técnicos Escotistas»).

Por isso aqui deixo o pedido: ENVIAI AS VOSSAS SUGESTÕES; FAZEI AS VOSSAS PERGUNTAS PARA QUE ELAS SIRVAM DE TEMAS.

FICO AGUARDANDO.

Como abordar o escotismo num jornal?



Outra questão que se me põe, e não menos importante, é a seguinte:

O Escotismo é um «Movimento», é um método educativo de características de execução prática — tipo escola activa — educação e preparação do rapaz pelo sistema de «aprender fazendo».

Assim sendo, o Escotismo é para se viver, para se fazer, para se estar dentro dele. Por isso, amigos Escoteiros: uma coisa é fazer ou viver o ESCOTISMO; uma coisa é pôr em acção as «técnicas escotistas»; outra coisa é descrevê-las, nas folhas de um jornal. Esta segunda faceta não poderá passar senão duma ideia, por vezes pálida, incompleta e nunca vivida no momento da descrição, que, quando muito, poderá dar indicações ou ideias àqueles que queiram praticar e viver o ESCOTISMO ou viver ESCOTISTAMENTE.

E, naquilo que atrás se refere, está uma grande dose e um aspecto importante das «técnicas do Escotismo», mais especificamente interessando os Escoteiros-Chefes.

À chegada a casa, depois da primeira reunião na Alcateia, os pais de um Lobito perguntaram-lhe quem era o chefe do grupo.

— Baden-Powell — respondeu o Lobito — mas ele estava ausente esta tarde.

(Da revista inglesa *Scouting*, por intermédio de *World Scouting Newsletter*).

Por isso duas chamadas de atenção:

— Não confundeis o que eu vier a descrever, principalmente o que tiver muito carácter «técnico», com o modo da sua aplicação e execução no Escotismo. Essa execução e essa vivência em actividades é que será Escotismo.



— Pedi quais os assuntos que pretendeis ver tratados nestas páginas. Quer sejais Escoteiros ou Escoteiros-Chefes, procurai abordá-los dentro dos meus conhecimentos, minhas experiências vividas no Escotismo e fora dele, quer a nível dos rapazes (umas vezes e procurando estar-lhes dentro das suas índoles), quer a nível dos Escoteiros-Chefes (quando for caso disso).

Isto tudo, claro, dentro das minhas possibilidades.

★

E agora, para finalizar, cá fico à espera das vossas notas, sugestões e opiniões.

Grande parte do que vos puder dar nestas páginas, dependerá de vós. Por isso, fico aguardando; ajudai-me, colaborai e praticai um dos aspectos do trabalho de equipa. Se trabalharmos em conjunto harmonioso, teremos possibilidades de produzir trabalho mais proveitoso, mais útil para os escoteiros e de mais interesse para vós.

LEÃO DA SELVA

Apelo à Juventude

Jovens, meus Amigos, meus Irmãos:

Talvez esteja errado ou cheio de ilusões: mas fico fascinado com a juventude de hoje. Muitas das minhas esperanças, num mundo mais justo e mais humano, encontram as suas raízes e o seu apoio nos jovens.

Continuo a pensar como em Manchester, na Inglaterra: os jovens já não toleram os sete pecados capitais do mundo actual: o racismo, o colonialismo, a guerra, o paternalismo, o farisaísmo, a alienação e o medo.

Não imaginais quantas cartas recebi relatando mil horrores sobre os jovens do nosso tempo. Face aos sete pecados capitais que combateis, contrapuseram-se os sete pecados capitais em que caís: o snobismo, a preguiça mental, a contestação, os estupefacientes, o sexo, a acomodação, o ateísmo.

Fala-se do vosso snobismo devido à vossa indumentária, à vossa linguagem e às vossas reacções: esquece-se que cada geração tem um estilo próprio, basta desfolhar um velho álbum de família...

Preguiça mental? Vós não aceitais os ensinamentos poeirentos, fora de moda, que a Universidade vos pretende inocular. Que os adultos tentem discutir convosco os verdadeiros problemas humanos dos nossos dias!

Como não contestar, quando se tem necessidade de quebrar verdadeiras carapaças de preconceitos e de demolir estruturas desumanas e retrógradas? É verdade que muitas vezes vós leveis demasiado longe as contestações, invadindo as escolas, mantendo-as sobre o vosso domínio, e mesmo saqueando-as algumas vezes. É pena que as Universidades, cheias de psicólogos e educadores, se mostrem incapazes de prever quando se começa a esboçar a vossa revolta e não consigam restabelecer o diálogo convosco. Algumas não recorrem senão à força, quando a solução exigiria compreensão e amor. Pedindo ou aceitando poderes especiais, como o de decretar o estado de emergência, dão uma triste e terrível lição aos estados, demasiadamente predispostos à ditadura de direito ou de facto.

Os estupefacientes, os narcóticos: sem dúvida, vós, jovens, estais já convencidos de que a droga é uma ilusão por demais enganadora, cujo preço em termos de saúde, vitalidade, criatividade, é extremamente pesado? Sem dúvida, vós pensais já em arrancar os vossos amigos e irmãos desta cilada trágica, espalhada por mercenários sem alma, peritos em comercializar o vício, mesmo ao preço das vossas vidas. Mas é pena que os adultos não se interroguem sobre o que está por trás do desespero e da angústia que leva a juventude a este tipo de evasão. Aqueles que condenam os jovens são muitas vezes incapazes de compreender que talvez o seu egoísmo, a sua falta de compreensão e extroversão tenham ligações directas com a invasão da droga.

Em que época é que o sexo não exerceu uma atracção muito forte? Seguramente, vós — mais simples, mais autênticos, mais directos — sentis a necessidade de aprofundar o mistério do amor que, muitas vezes, supõe o sexo, mas que não se reduz de forma alguma ao apelo da carne. Fala-se demasiado de amor livre. Mas o que é verdadeiramente o amor e quando se pode falar em liberdade?

Acomodação? Eis um verdadeiro perigo. Na medida em que à vossa volta a comodidade é abundante e tentadora, a luta a empreender será mais árdua. E a acomodação é uma sereia pronta a seduzir-vos.

A vossa posição face à religião e a Deus depende enormemente da vossa atitude e da vossa resposta à vida. Quando reencontrardes pessoas que se esforçam por viver uma religião que não aceite ser monopólio para as massas, força alienada e alienante; quando reencontrardes pessoas para as quais o amor de Deus passa pelo amor humano, o vosso ateísmo dará lugar ao respeito, à simpatia e, quem sabe, à fé.

E tenho um pedido a fazer-vos, precisamente porque sei que temos todo um mundo em comum, mesmo se me contestais e se me chamais sonhador e ingénuo.

Escutastes o meu apelo. O importante não é provar as vossas posições, mas discuti-las.

Não tenho necessidade de vos pedir sinceridade (vós detestais a hipocrisia e a mentira). Peço-vos que contesteis o factor com factor, os argumentos com argumentos. Peço-vos que levanteis novos pontos de vista ou novas perspectivas.

Se bem vos conheço, estamos de acordo na maneira de encarar este mundo repleto de injustiças. E a injustiça é para vós a violência número um.

Estareis de acordo em reconhecer que, de uma maneira geral, a juventude perde a paciência e desliza para a radicalização e para a violência armada.

Reconheceis, mesmo, que os governos estão prontos a reagir brutalmente e que não têm escrúpulos, mesmo em relação à tortura.

A vossa dúvida — ou a dúvida de muitos vós — incide sobre o seguinte: a não violência é válida, mesmo quando se trata de um movimento positivo e exigente como a Acção, Justiça e Paz?

Que é que nos separa? Visamos os mesmos objectivos: queremos um mundo mais justo e mais humano. Pensais, talvez, que só a violência armada terá força para abalar e demolir as estruturas desumanas que criam os escravos.

Se dedico alegremente o resto da minha vida, das minhas forças, das minhas energias, a exigir a justiça, mas sem ódio, sem violência armada, pela acção da pressão moral libertadora, pela verdade e pelo amor, é porque estou convencido de que só o amor é forte e construtivo.

Conheço a vossa sinceridade e respeito a vossa opção. À vossa volta, não deixeis ninguém indiferente. Provocai discussões. Que a vossa juventude obrigue a pensar e a tomar posição: que seja incómoda como a verdade, exigente como a justiça.

Ajudai a Acção, Justiça e Paz: apoiando-a, contestando-a, discutindo-a. Ficareis talvez surpreendidos ao descobrir que estais a ajudar Minorias Abraâmicas, permitindo-lhes afirmar-se e agir.

Eis o meu apelo: trazei-me o vosso ardor e a vossa amizade. É preciso que eu mantenha, com a vossa ajuda, a juventude de alma, a esperança e o amor de que necessito, para ajudar os homens, nossos Irmãos!

D. Hélder Câmara

A Secretaria Mundial do Escotismo recebeu um equipamento de rádio por satélite

As actividades escotistas de radioamadorismo, como por exemplo o Jambori no Ar e as diversas redes semanais de rádio, criaram e mantêm numerosos contactos e estabeleceram amizades escotistas, mas a qualidade e a distância desses contactos dependem das condições do tempo, das manchas solares e das interferências. Com o fim de melhorar as comunicações de amadores, estão em órbita os satélites especiais chamados ÓSCAR 6 e 7, construídos por amadores, e prevê-se que ainda sejam lançados outros.

Esses satélites recebem e transmitem sinais de rádio de todas as estações amadoras em *line-of-sight* com eles e que possuam antenas especiais e um equipamento apropriado.

A *Communications Satellite Corporation* (COMSAT) contribuiu generosamente com os fundos necessários para a compra do equipamento para uma estação portátil ÓSCAR de chão, destinado à Secretaria Mundial de Genebra e o Clube de Radioamadores COMSAT ofereceu-se para proceder à montagem.

Assim, a Secretaria Mundial terá em breve comunicações VHF, livres de interferências, com outras estações, que utilizam os satélites, da Noruega, da Escócia, dos Estados Unidos e doutros países.

O objectivo da oferta da COMSAT é o de permitir à estação de rádio do Jambori Mundial de 1979, no Irão (Pérsia), estar em contacto com o maior número possível de «Jamboris-para-Todos», assim como com outras estações escotistas, por satélite.

«SEMPRE PRONTO» E OS SEUS AMIGOS

Continuação da página 1

acaba de nos chegar às mãos. Vem ele do nosso companheiro Daniel Tacão Monteiro, que nos informa dessa maneira que *em virtude de* Sempre Pronto *ter perdido a sua independência e ser agora propriedade de uma entidade que, por muito que me digam, não me convence que acarinhe o escotismo em Portugal (o exemplo do vegetativo Grupo n.º 1 é convincente), agradeço que, a partir deste momento, procedam à anulação da minha assinatura.*

Enfim, lamentamos tão inopinada resolução. *Sempre Pronto* aceitou, digamos assim, um jugo, mas um jugo que é leve e que lhe garante a continuidade da sua acção. Outros escolherão jugos mais pesados. Mas quem os poderá impedir?

Como uma andorinha não faz Verão, registemos em contrapartida os aplausos que constantemente chegam até nós, como os do nosso estimado assinante sr. Júlio Pestana, solicitador em Faro, que, com a importância da assinatura, manifesta grande satisfação pela sobrevivência de *Sempre Pronto*. Da mesma forma, procedem os nossos amigos João Pedro Cocco Ferraz, de Olhão, e Carlos Martins Macedo Campos, de Sant'Iago de Bougado. Este nosso prezado camarada escuta, depois de declarar que folgou imenso com a resolução tomada de prosseguir com o *Sempre Pronto, pois o seu reaparecimento era muito desejado e necessário*, afirma a respeito do jornal: *A pista que tem na sua frente para seguir é sem dúvida difícil, mas, bem orientado, chegará a atingir o fim desejado, desde que se afaste de «ventos polémicos» que, não honrando ninguém, o pode levar para um caminho que se deve evitar. Temos de concordar que «Fraternidade» não é uma palavra vã e neste sentido vamos, prezados Irmãos Escoteiros, sem pensar em discriminações de raças, ideologias ou credos, bem unidos e de mãos dadas,* Sempre Pronto *e* Sempre Alerta, *cantar ao Senhor um novo Aleluia!*

Eis aqui um bom exemplo das dependências que, a todo o transe, buscamos.

Outro dedicado companheiro do CNE, o nosso assinante António José Calçada Loureiro, de Vila Nova de Gaia, igualmente não esconde o seu estado de espírito e declara-nos: *Antes de mais, PARABÉNS! a vocês do S. P. e a todos os escoteiros em geral, pois se tivesse acabado a publicação do S. P. mais pobre ficava o painel nacional de publicações escotistas. E elas já são tão poucas!*

Também o *velho* companheiro Justino Estêvão da Silva nos envia o dinheiro da sua assinatura e nos felicita pela reportagem do JOTA-76, acabando por agradecer a nossa colaboração *sem a qual não me teria sido possível fazer do JOTA uma das melhores actividades escotistas nacionais, com projecção internacional e nacional.*

Agradecer-nos porquê? Nós é que nos sentimos satisfeitos quando nos é dada a possibilidade de relatar acontecimentos que traduzem a verdade do espírito do Escotismo.

Em último lugar, registamos um valioso testemunho do nosso companheiro Manuel do Nascimento Duarte, da Pontinha. Eis o que este amigo nos diz:

Por norma, no início de cada ano, remeto à Administração a quantia referente ao custo do jornal, liquidando, assim, a assinatura anual. Faço-o sempre com a sensação de dar pouco em troca de muito, não propriamente pelo preço do mensário, assunto esse que poderá brigar com a bolsa de cada um, umas vazias, recheadas outras.

A sensação está na razão directa do valor intrínseco do periódico, traduzido na qualidade dos artigos de fundo, mormente quando saem da pena privilegiada do sr. Rev. Eduardo Moreira, vincados duma vasta cultura, denotando uma esclarecida inteligência e onde o leitor sente uma transmissão do vero espírito escotista, nos outros trechos formativos, nas colunas informativas e de intercâmbio comunicativo.

Daí a descrita sensação de ler um jornal que me diz qualquer coisa de Escotismo, «Escotismo Cérebro», não «escotismo artesanal», partindo do princípio de que este belo Movimento, para ser lídimo e frutuoso, tem de ser explanado por Dirigentes e não por «chefes-do-nó-direito».

Considero o Sempre Pronto *uma publicação técnico-escotista, preenchendo uma lacuna de tão nefastos resultados, como é a falta de contacto entre os membros da incomensurável família escotista.*

A aproximação dos povos, a Fraternidade Mundial, preocupação constante de Mestre B.-P., é, com a circulação do nosso jornal, minorada, ainda que em âmbito restrito.

Seria, pois, perda indesculpável o desaparecimento do Mensário. É certo que não são palavras mais ou menos acalentadoras, ainda mesmo quando ditadas por uma sã intenção, que fazem sair os jornais, mas, parece-me, que ajudam um pouco os que tão dedicadamente se devotam a trabalhos tão dignos como o vosso.

Aos Companheiros, cujos nomes figuram na página 20 do Jornal, endereço as minhas cordiais saudações, juntando um obrigado bem merecido.

Permitam-me ainda que destaque e dirija aa Companheiro José Eduardo Pena Ribeiro «aquele» agradecimento que lhe é devido.

No Sempre Pronto *há dirigentes...*

Para a ACM, justo se torna dar uma nova significação à sua sigla:

Amigos Certos do Movimento.

Palavras generosas de um homem generoso. Eis a dependência que verdadeiramente nos liberta para levarmos avante os nossos objectivos e realizarmos os ideais de Fraternidade que defendemos.

A água, meio de vida essencial

Continuação da pág. 3

A água doce, capital de valor incomensurável

Igualmente, a água doce é um precioso elemento. Sem ela, a vida dos seres terrestres não seria possível. As inúmeras espécies de animais e de plantas terrestres absorvem enormes quantidades de água. O sinal de que este elemento vital é mais ou menos abundante numa determinada região é-nos fornecido pela existência de maior ou menor índice de vegetação. No deserto, onde a carência de água é, por assim dizer, absoluta, a fauna e a flora são pobríssimas, visto que ali só conseguem sobreviver os seres que possuam uma grande capacidade de retenção da humidade. Ao tomarmos conhecimento de que é a riqueza do meio vegetal que determina a variedade e a abundância de animais, teremos dado um importante passo na compreensão do papel desempenhado pela água no desenvolvimento do mundo biológico da Terra.

A água doce também possui sais dissolvidos, porém em quantidade muito menor que a salgada. Julga-se que foi este índice deficitário de sais que impediu a adaptação à vida terrestre de certas espécies, tais como os cefalópodes e os equinodermes. Tal como na água salgada, também nas águas doces flutua o plâncton, porém, como se compreende, numa densidade assaz inferior.

A variação de certos factores, como a temperatura, a movimentação, a oxigenação e também a própria quantidade, favorece a existência de uma fauna e uma flora muito diversificadas, em resultado das condições determinadas pelas referidas variações do meio. Mas seriam inumeráveis as várias aplicações que o homem faz da água doce. Desde a utilização dos cursos de água para a navegação, ao abastecimento de água aos grandes aglomerados humanos, aos complexos hidroeléctricos, aos sistemas de irrigação, é todo um mundo de oferta de serviços de que a sociedade humana já não pode prescindir.

Mas desse aspecto se tratará em próximo trabalho que temos em mente publicar.

J. R.

Sempre Pronto
ADMINISTRAÇÃO

Os nossos assinantes amigos continuam a dispensar a este mensário uma útil colaboração na remessa do valor de suas assinaturas. Alguns levam a sua simpatia ao ponto de completar esse valor com generosas ofertas, que reconhecidamente agradecemos. Registamos mais as seguintes remessas:

Sr. António Pacheco da Silva, S. Mamede de Infesta, 500$00 e sr. Mário Rui Martins Bento, Quiaios, 60$00.

★

Também o nosso caro amigo sr. Antero Nobre nos fez oferta dos exemplares da obra «O Escotismo — Sistema de Educação Integral», que nos tinha remetido para venda. Sinceramente agradecemos mais esta prova de simpatia.

O DEVER DA LIBERDADE

Continuação da pág. 1

Todas estas definições podem ajudar a compreender o significado de Liberdade, mas estão longe de dar a medida exacta do seu profundo sentido, precisamente aquele que tem justificado a longa epopeia humana pela sua conquista.

Estas considerações foram-nos sugeridas por um jovem que, deslumbrado pela liberdade de que se julgava possuído em face das circunstâncias que ora se vivem, dava largas ao seu espírito contestatário, arrogando-se o direito de romper com regras sociais e éticas, com princípios geralmente aceites por pessoas honestas. Fazendo uso de um falso juízo de liberdade, lançava indiscriminadamente, à esterqueira das ideias, preconceitos e tabus, de mistura com respeitáveis virtudes e veneráveis sentimentos. Julgando usar de um direito, este rapaz abdicava da faculdade de escolher, de optar. Tal conceito de liberdade está inteiramente errado. Se liberdade é direito que se conquista, é sobretudo dever que se cumpre. Ela não pode ser imposta, porque deixaria de ser liberdade. Tem de germinar na alma do homem e dos povos, vem de dentro para fora.

Tem sido afirmado que *a nossa liberdade termina onde começa a liberdade do nosso semelhante*, mas esta verdade é incompleta. A nossa liberdade termina no momento em que se arvora em valor absoluto, tornando-nos escravos. Se liberdade é direito de opção, de escolha, é principalmente dever de escolher bem, de preferir certo, de exercer o direito de viver. O suicídio é negação da liberdade, porque anula a vida e o homem é livre para viver. Temos sobretudo o dever de ser livres, não nos deixando manietar. O apóstolo Paulo foca esta posição declarando que *todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm.* E acrescenta: *mas eu não me deixaria dominar por nenhuma delas.* Presentemente é muito fácil ilustrar esta declaração. Muitos jovens, no uso de uma liberdade mal compreendida, lançam mão da droga. Esquecem que liberdade é, acima de tudo, dever e que lhes cumpre, para a garantir, preservar a vida. Em breve estarão transformados em farrapos humanos, escravos do vício.

O Escotismo é considerado verdadeira escola de Liberdade. Por isso mesmo tem sido postergado por todos os regimes totalitários. Ele afirma a personalidade e conduz assim o jovem à prática consciente da liberdade. A Lei do Escoteiro, nada proíbe, é uma lei para gente livre, mas afirma que o Escoteiro é. A faculdade de SER é privilégio do homem livre. O jovem escoteiro elege aquilo que lhe convém, que pode formar o seu carácter, revigorar o seu corpo, esclarecer o seu espírito. Usa a Liberdade como dever de escolha digna e inteligente.

Baden-Powell dedicou aos jovens um livro admirável, que em português recebeu o título de «A Caminho do Triunfo». O tema principal desta obra é a comparação da vida com uma excursão de canoa. E o Fundador faz apelo ao jovem para que conduza ele próprio o seu barco, olhando de frente os escolhos, que será capaz de evitar. «Impele a tua própria canoa — diz ele — e não contes que os outros te remem o barco». Eis uma bela imagem da Liberdade, conduzir o próprio barco e evitar os escolhos.

A Liberdade depois de conquistada é nosso grande dever. Procuremos colocá-la ao nosso serviço e não a forcemos num uso indiscriminado, procurando antes que ela nos permita viver, no mais alto sentido da vida, e contribuir para que a comunidade nacional seja também feliz, através do trabalho e do progresso.

ANTIGOS ESCOTEIROS

O 19.º Aniversário da Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Para comemorar o seu 19.º aniversário, a Secção Filatélica editou autocolantes com a insígnia associativa, desenhados pelo nosso companheiro Humberto Martins. O seu preço é de escudos 5$00 e a receita reverte a favor do cofre da Fraternal.

Os pedidos podem ser feitos para a Sede da Fraternal e Jornal «Sempre Pronto»; estão também à venda no S. M. U. da Associação dos Escoteiros de Portugal, Travessa das Galeotas, 1-r/c. — Lisboa-3, e no estabelecimento do companheiro Amílcar Fernandes, na Rua dos Douradores, 78 — Lisboa-2. Os pedidos feitos pelo correio devem ser acompanhados dos selos para portes.

FILATELIA

Carimbos comemorativos

A Organização Nacional do JOTA promoveu a aposição de carimbos comemorativos do Dia do Escoteiro na correspondência apresentada nos postos de correio que funcionaram, no dia 23 de Abril corrente, na sede do Grupo 79, instalada no anexo do Paço das Necessidades, em Lisboa; na Junta Regional do Porto do CNE; e na sede do Grupo 52, em Angra do Heroísmo.

Os três carimbos integram-se na série denominada *Lei do Escoteiro*, com artísticos desenhos ilustrativos do respectivo artigo da Lei do Escoteiro.

Os sobrescritos poderão ser pedidos ao Organizador Nacional, cuja morada publicamos na notícia do JOTA inserta na última página.

Os fundos obtidos com a venda destes sobrescritos serão empregados na organização do Jambori do Ar.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A visita da Rainha Isabel II, da Inglaterra

Portugal recebeu com entusiástico alvoroço S. M. a Rainha Isabel II (1957). Todo o povo português prestou as suas homenagens à soberana, numa grande manifestação de simpatia para com a nação britânica, a mais velha aliada de Portugal. Os Escoteiros e as Guias de Portugal associaram-se entusiasticamente ao acto. Na Avenida da Liberdade alinharam os Escoteiros, as Guias e os Lobitos que, à passagem do cortejo real, saudaram a Rainha. Sua Majestade, ao ver os Escoteiros e as Guias, sorriu simpaticamente para eles e correspondeu com um aceno à saudação que lhe era feita. O mesmo sucedeu com o Príncipe Filipe, que fez um largo gesto de simpatia.

★

O Escotismo é uma tradição já na família real britânica. A Rainha-Mãe, antes do casamento com Jorge VI, tinha sido Comissário do Distrito na Escócia e colaborou sempre muito intimamente com a associação das Guias de Inglaterra. Sua tia, a Princesa Real, é presidente da Associação. Seu tio, Duque de Gloucester, é presidente da Associação dos Escoteiros. A Princesa Isabel, após ter assistido ao trabalho de uma Companhia de Guias de Balmoral, quis ela própria ser também Guia. Constituiu-se, por isso, a primeira Companhia do Palácio de Buckingham, tendo *miss* Violet Synge como chefe. Julgou a chefe, em princípio, que uma princesa rodeada de todo o conforto não se interessaria facilmente pelas humildes tarefas do Escotismo. Porém, mais tarde, é a própria chefe quem afirma: «*Como eu estava enganada! Quando da nossa primeira reunião, fizemos exercícios de chamadas por apito. Uma das mais rápidas a obedecer era a princesa*».

Foi esta a formação escoteira da jovem soberana. Não admira pois o seu gesto de simpatia para com as Guias Portuguesas que a saudavam. Apesar da distância social que as separava, Sua Majestade sentia: ESTAMOS MUITO UNIDAS POR IDEAL COMUM E PELA DETERMINAÇÃO DE O TORNAR REALIDADE.

O XX JAMBORI NO AR

PARAR É MORRER

Tal como está de há muito estabelecido, o XX JOTA realizar-se-á no fim-de-semana de 15 e 16 do próximo mês de Outubro.

A Organização Nacional já está fazendo os preparativos para que esta jornada escotista seja, tanto quanto possível, memorável. A Organização Nacional não pára porque quer tudo a postos quando chegar a altura de agir.

Os Grupos de escoteiros devem igualmente ir dispondo as suas coisas, a fim de que nada seja deixado à improvisação, o que pode comprometer por completo uma boa participação no grande jogo escotista.

Devem os responsáveis, por conseguinte, começar a entrar em contacto com a Organização. Eis os seus endereços:

— Justino Estêvão da Silva (Organizador Nacional do JOTA), Rua 1, à Rua Bastos Nunes, 2-1.° — esq.° Queluz (telefone 952118).

— Rui Fernando da Fonseca (CT 1 HV) (Adjunto do Organizador Nacional para a AEP), Bairro do Comendador Joaquim Matias, lote 45-8.°, letra A — Paço de Arcos.

— João Nuno da Rocha Vinhas (Adjunto do Organizador Nacional para o CNE), Largo do 1.° de Dezembro, 1, porta 3 Queijas, Carnaxide (Conselho de Oeiras).

A Organização Nacional, que em breve publicará a constituição da Equipa Portuguesa para o XX JOTA, aguarda informações e críticas. E também sugestões, porque o JOTA tem de ser um trabalho colectivo, um trabalho de TODOS os escoteiros, escutas e guias portugueses. Que ninguém deixe de oferecer a colaboração.

PUBLICAÇÕES DO JOTA

A Organização Nacional está diligenciando, com a cooperação valiosa da Equipa de Coordenação Regional do Porto para o JOTA-77, distribuir proximamente os seguintes manuais:

Como participar no Jambori do Ar
Princípios de Rádio
Manual do Radioamador Escoteiro

Desnecessário é referir o esforço e os encargos que iniciativas deste género implicam.

CONCURSO DO JOTA

Este ano realizar-se-ão mais uma vez os concursos «A melhor fotografia» e «O melhor relatório».

Mas vai haver uma inovação: em breve será publicado o regulamento de um novo certame: o «Concurso de Desenhos para Carimbos Comemorativos do JOTA».

Atenção, pois, artistas escoteiros! Vamos preparar os materiais e avivar a imaginação, a fim de estarem prontos a participar nesta nova iniciativa.

ARTIGOS DO JOTA

Vai ser distribuída a lista de artigos do Jambori no Ar. A desvalorização do escudo e o condicionamento à importação de determinados artigos têm impedido a Organização Nacional de dar satisfação a pedidos recebidos, nomeadamente no que se refere a camisolas. Estão-se envidando esforços para resolver o problema.

CARTÕES DE PARTICIPANTE DOS JOTAS-74 e 75

A Organização Nacional só satisfará pedidos destes cartões até o próximo dia 30 de Junho.

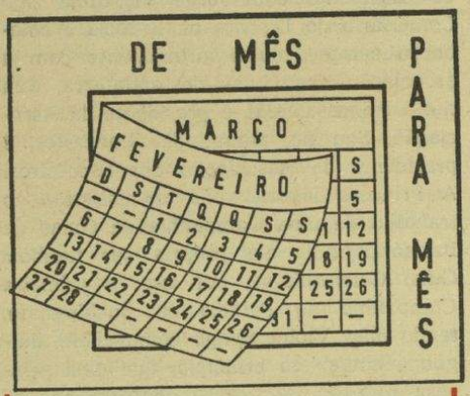
O 1.º "EUROFOLK 77"

Previsto para o mês de Agosto

O primeiro Festival europeu de cultura popular de escoteiros e guias (escoteiras) realiza-se na cidade de Éfeso, na Turquia, de 1 a 10 do próximo mês de Agosto. O Acampamento, estilo Jambori, realiza-se numa praia e os organizadores fornecem todas as tendas e fogões para carvão vegetal.

Os espectáculos de canções e danças populares, com trajos e instrumentos musicais nacionais, realizam-se no velho anfiteatro grego. Haverá também desportos e trabalhos manuais artesanais. Por exemplo, numa tarde os turcos farão uma demonstração de «Gures», desporto tradicional em que os intervenientes se untam com azeite e lutam até que haja um vencedor. Ali se verá também a tecelagem de tapetes, a gravação em cobre e a cerâmica.

A finalidade da «Eurofolk 77» é a de unir os escoteiros e as guias da Europa para que seja demonstrado que, não obstante se respeitar a sua própria cultura viva, eles se podem unir e partilhar essa cultura num ambiente europeu. O comissário internacional de cada associação já recebeu todas as informações e os formulários das inscrições.



A CONSCIÊNCIA



«Os animais bulham e rosnam, os cães gostam de ladrar e morder, é essa a sua natureza, **mas em regra não são capazes de se elevarem a ser generosos, caritativos, serviçais e amáveis. Os homens podem fazê-lo quando querem. É aí que o homem atinge o seu nível próprio, isto é, quando exerce, em benefício dos outros, o Amor Divino que tem dentro de si».**

Estas palavras de B.-P. na obra «A Caminho do Triunfo» não parecem inteiramente justas para com os cães. Eles são até capazes de ser generosos, serviçais e, sobretudo, gratos. Os homens é que só o são «quando querem», e muitas vezes não querem.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal
(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: **A. C. Lapa Conde**

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO: **Capitolino Ferreira Macedo, Ernesto Clímaco do Nascimento, Luís Garcia**

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 60$00